



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-PORTUGUÊS**

JOÉDNA DE SOUZA SILVA

A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

**GUARABIRA
2024**

JOÉDNA DE SOUZA SILVA

A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Sociolinguística e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Anilda Costa Alves.

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586 Silva, Joedna de Souza.
A abordagem da variação linguística no ambiente escolar
[manuscrito] / Joedna de Souza Silva. - 2024.
36 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Anilda Costa Alves, Coordenação
do Curso de Letras - CH."

1. Concepções de Linguagem. 2. Variação Linguística. 3.
Preconceito Linguístico. 4. Ensino de Língua Portuguesa. I.
Título

21. ed. CDD 410

JOÉDNA DE SOUZA SILVA

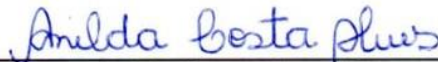
A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

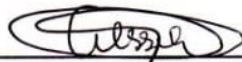
Área de concentração: Sociolinguística e Ensino.

Aprovada em: 23 / 05 / 2024.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Anilda Costa Alves (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. André Luiz Souza da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profa. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Dedico aos meus pais pela força e compreensão nesta caminhada acadêmica. Ao meu esposo pelo companheirismo e amizade.

“A linguagem é a fonte primordial de compreensão entre as pessoas.”

Noam Chomsky.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questionário aplicado aos alunos do 9º ano.....	21
Quadro 2 – Questionário aplicado aos professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental e médio.....	22
Quadro 3 – Questão nº 1 do questionário direcionado aos alunos com as respostas	23
Quadro 4 – Questão nº 3 do questionário direcionado aos alunos com as respostas	23
Quadro 5 – Questão nº8 do questionário direcionado aos alunos com as respostas	24
Quadro 6 – Questão nº1 do questionário direcionado aos professores com as respostas	30
Quadro 7 – Questão nº 2 do questionário direcionado aos professores com as respostas	31
Quadro 8 – Questão nº3 do questionário direcionado aos professores com as respostas	32
Quadro 9 – Questão nº4 do questionário direcionado aos professores com as respostas	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº2 do questionário direcionado aos alunos	26
Gráfico 2 – Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº4 do questionário direcionado aos alunos	26
Gráfico 3 – Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº5 do questionário direcionado aos alunos	27
Gráfico 4 – Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº6 do questionário direcionado aos alunos	28
Gráfico 5 – Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº7 do questionário direcionado aos alunos	28
Gráfico 6 – Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº9 do questionário direcionado aos alunos	29
Gráfico 7 – Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº10 do questionário direcionado aos alunos	29
Gráfico 8 – Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº5 do questionário direcionado aos professores	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RP	Residência Pedagógica
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Concepções de linguagem	13
2.2 Variação linguística	14
2.3 Preconceito linguístico	16
3 METODOLOGIA	19
4 ANÁLISE E DISCURSÃO DOS RESULTADOS	22
4.1 Análise do questionário de sondagem direcionado aos alunos	22
4.1.1 Questões subjetivas	22
4.1.2 Questões objetivas	25
4.2 Análise do questionário de sondagem direcionado aos professores de Língua Portuguesa	30
5 CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	35

A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

THE APPROACH LINGUISTIC VARIATION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Joédna de Souza Silva.¹

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar as concepções de linguagem de educandos de uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Guarabira-PB, refletindo como a variação linguística é concebida no ambiente escolar e entender como é abordada nas aulas de Língua Portuguesa. Diante disso, buscamos identificar se os alunos atentam-se a variação linguística; compreender como os professores da rede pública de ensino de escolas situadas no interior do estado da Paraíba analisam a referida temática, e; então, refletir sobre a existência de variedades linguísticas. Como fundamentação teórica, o trabalho pauta-se nas discussões desenvolvidas por Travaglia (2006), que trata sobre as concepções de linguagem e como elas podem refletir na postura do profissional docente; Bagno (2015), que acrescenta sobre o preconceito linguístico e a mitologia do preconceito linguístico; Coelho *et al.* (2023), com enfoque na teoria da variação e estudos sociolinguísticos, entre outros. Além disso, foram revisitados documentos orientadores e normativos da educação nacional, a saber: os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Sobre os aspectos metodológicos, a pesquisa utiliza-se de uma abordagem qualitativa e caráter descritivo. Nesse sentido, foram realizados questionários direcionados a alunos e professores da rede pública de ensino de escolas situadas no interior do estado da Paraíba. Como resultado, constatou-se que os educandos, apesar de identificarem a variação linguística, expressam pouco conhecimento sobre a temática supracitada. Nessa direção, percebe-se através das respostas dos professores que existem limitações nos livros didáticos. Sendo assim, as escolas têm um sistema ainda frágil às práticas direcionadas aos estudos linguísticos, visto que desenvolver reflexões sobre o ensino da variação linguística e seus aspectos para o espaço escolar desperta grande importância para o reconhecimento e a valorização das variedades linguísticas.

Palavras-Chave: concepções de linguagem; variação linguística; preconceito linguístico; ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the conceptions of language of students of a 9th grade class of elementary school of a public school in Guarabira-PB, reflecting how linguistic variation is conceived in the school environment and understanding how it is approached in Portuguese language classes. In view of this, we sought to identify whether students pay attention to linguistic variation; understand how public school

¹ Graduanda no curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba
Joednasilva15@gmail.com

teachers from schools located in the interior of the state of Paraíba analyze this theme, and; So, reflect on the existence of linguistic varieties. As a theoretical foundation, the work is based on the discussions developed by Travaglia (2006), which deals with the conceptions of language and how they can reflect on the posture of the teaching professional; Bagno (2015), who adds on linguistic prejudice and the mythology of linguistic prejudice; Coelho *et al.* (2023), focusing on variation theory and sociolinguistic studies, among others. In addition, guiding and normative documents of national education were revisited, namely: the National Curriculum Parameters (Brazil, 1998) and the National Common Curriculum Base (Brazil, 2018). Regarding the methodological aspects, the research uses a qualitative and descriptive approach. In this sense, questionnaires were carried out directed to students and teachers of the public school system of schools located in the interior of the state of Paraíba. As a result, it was found that the students, despite identifying the linguistic variation, express little knowledge about the aforementioned theme. In this sense, it can be seen through the teachers' answers that there are limitations in the textbooks. Thus, schools have a system that is still fragile to practices directed to linguistic studies, since developing reflections on the teaching of linguistic variation and its aspects for the school space arouses great importance for the recognition and appreciation of linguistic varieties.

Key words: conceptions of language; linguistic variation; linguistic prejudice; Portuguese language teaching.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute sobre as concepções que os alunos de uma turma de 9º ano da rede pública de Guarabira-PB e professores da rede pública de ensino de escolas situadas no interior do estado da Paraíba têm acerca da língua em uso no ambiente escolar, uma vez que encontramos indivíduos com uma concepção mais tradicional², sem compreender as diferenças que a língua possui em vista das questões sociais e culturais por força de como, quem e quando a utiliza. Tal problemática pode ser recorrente até mesmo em indivíduos não leigos na área, a saber, profissionais da linguagem. Dessa forma, a ausência de tal conhecimento apresenta-se de forma ampla, independente do contexto social do indivíduo.

A variação linguística representa as diversas formas de falar e pode ser identificada como diastrática, diacrônica, diatópica e diafásica. Com base em Bagno (2006), nenhum falante consegue seguir rigidamente todas as regras idealizadas pela norma padrão. Logo, as variedades linguísticas estão presentes no dia a dia e o falante se volta para o que é real e concreto.

Desse modo, no ambiente escolar, a fala e a escrita são estimuladas a se tornarem mecanizadas, pois o ensino da Língua Portuguesa, por vezes, é centralizado na gramática tradicional e, assim, a oportunidade de o aluno ter conhecimento sobre as diferenças e transformações que acontecem na língua tende a ficar limitada. Assim sendo, é necessário aprofundar conhecimentos e reflexões acerca do tema em questão. Em alguns contextos, alguns professores, mesmo tendo conhecimento sobre a variação linguística, ainda se encontram resistentes e

² Essa concepção e outras referentes à linguagem serão explicitadas ao longo do desenvolvimento do trabalho.

presos à gramática tradicional, tendo como foco de ensino o “certo” e o “errado” no que tange aos itens linguísticos.

Nessa perspectiva, esta pesquisa busca trazer uma colaboração para a valorização e o reconhecimento dos processos linguísticos no desenvolvimento dos discentes, mostrar a importância da legitimidade da variação linguística, buscando resultados de conscientização quanto à riqueza linguística, fazendo com que compreendam a língua como uma estrutura complexa, dinâmica e heterogênea.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é analisar as concepções de linguagem dos alunos, refletindo como a variação linguística é concebida no ambiente escolar e entender como é abordada nas aulas de Língua Portuguesa da educação básica. Além disso, como objetivos específicos, buscamos (i) identificar se os alunos atentam-se à variação linguística; (ii) compreender como os professores analisam a referida temática, e; então, (iii) refletir sobre a existência de variedades linguísticas que se encontram na nossa sociedade, e são necessárias para a formação cidadã, pois as inovações na língua não param e as variedades vão sempre estar em processo, existindo e fazendo parte do nosso dia a dia.

Nesse sentido, a metodologia da nossa pesquisa utiliza-se de uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, com a finalidade de discorrer sobre os conhecimentos linguísticos a partir de coleta de dados, contendo concepções dos educandos do 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública, da rede estadual da cidade de Guarabira-PB e dos professores de Língua Portuguesa da rede pública de ensino de escolas situadas no interior do estado da Paraíba.

Dessa forma, tomamos como base teórica para as reflexões e análises contidas neste trabalho, estudos como os de Travaglia (2006), que trata sobre as concepções de linguagem e como elas podem refletir na postura do profissional docente; Coelho *et al.* (2023), com enfoque na teoria da variação e estudos sociolinguísticos; Bagno (2015), que acrescenta sobre o preconceito linguístico e a mitologia do preconceito linguístico, entre outros. Além disso, foram revisitados documentos orientadores e normativos da educação nacional, a saber: os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

Sendo assim, a presente pesquisa desenvolveu-se durante a atuação no Programa Residência Pedagógica de Língua Portuguesa, da UEPB – Campus III, na qual estava produzindo um projeto de letramento junto com outros residentes e a professora preceptora com a turma observada desta pesquisa. Por esse motivo, a escolha da turma e da escola. Ademais, o Programa Residência Pedagógica³ trouxe contribuições para a minha formação profissional, pois apresenta desafios, principalmente do dia a dia de uma escola e do docente na sala de aula, vivenciando a realidade da docência, para que assim aconteça o aprimoramento na formação acadêmica do graduando.

No que tange ao aspecto estrutural, além dessa seção introdutória, o trabalho irá abordar, na seção dois, o referencial teórico, transcorrendo por concepções de linguagem, variação linguística e o preconceito linguístico; em seguida, na seção três, os processos metodológicos da pesquisa; dando continuidade, na seção quatro, análise e discussão dos resultados dos questionários de sondagem com as respostas dos sujeitos, para concluir, na seção cinco, trataremos as considerações finais da presente pesquisa.

³ Maiores detalhes sobre o referido programa serão explicitados na seção metodológica do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção dedica-se à apresentação dos referenciais teóricos que norteiam as diversas etapas desta pesquisa. Perpassando as concepções de linguagem e implicações de cada uma para o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa; a Teoria da Variação e Mudança Linguística; o preconceito linguístico e como ele se manifesta e de que forma a escola pode atuar na tentativa de amenizar tais ações.

2.1 Concepções de linguagem

As concepções de linguagem orientam o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que agrega para o conhecimento do professor sobre a linguagem, por isso resulta na maneira de sua abordagem com a Língua Portuguesa na sala de aula. Para Travaglia (2006, p.21) “a concepção de linguagem é tão importante quanto a postura que se tem relativamente à educação”, pois é fundamental compreender a forma como a língua e a linguagem são concebidas pelo professor.

Seguindo esse viés, Travaglia (2006) destaca três concepções de linguagem. São elas: (i) a linguagem como expressão do pensamento; (ii) linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação; e (iii) linguagem como forma ou processo de interação.

Desse modo, a primeira concepção, que é a linguagem como expressão de pensamento, é vista como uma linguagem articulada e organizada, ou seja, pronta e acabada. Essa concepção de linguagem está voltada para estudos em um âmbito tradicional, que resulta essencialmente em princípios gramaticais. Segundo Silva (2009, p.70), para essa concepção é compreendido que “logo, se alguém não se expressa bem é porque não sabe pensar”. Portanto, a primeira concepção conduz a expressar e organizar o seu pensamento, conseqüentemente desprezando as variedades da língua, pois nessa concepção a gramática é prescritiva, ou seja, é um conjunto de regras, o falante tem o poder de controlar e monitorar a linguagem, assim as variedades são consideradas como “erro”⁴. Essa concepção, apesar de ser a mais tradicional, ainda é a mais utilizada na escola e está presente também no pensamento comum das pessoas, sejam profissionais da linguagem ou não.

A segunda concepção, que se configura como linguagem como instrumento de comunicação, é utilizada para reconhecer a estrutura da língua compreendida como código, o falante precisa entender e utilizá-la conforme as regras da estrutura da língua. Assim sendo, tem a função de codificar e decodificar, precisando elaborar e transmitir um código. De acordo com Silva (2009, p. 70), “assim, o falante tem algo a comunicar, ativa um código e o encaminha a outro”. Essa concepção de linguagem, assim como a primeira, também limita apenas ao funcionamento interno da língua, a linguagem é entendida como uma competência e o sentido é único e o que predomina é a língua escrita, especialmente no contexto escolar. Além disso, essa concepção também não contempla o fenômeno da variação linguística, pois, apesar de ser considerada, não extrapola a teoria.

Em relação à terceira concepção de linguagem, que é o nosso foco de pesquisa, trata-se da linguagem como forma ou processo de interação. Apesar de ser a visão mais recente, inclusive a contemplada pelos documentos oficiais de

⁴ É importante salientar que, ao longo deste trabalho, utilizaremos termos como “certo”, “errado” e “erro” como sinônimo de construções que se distanciam da norma-padrão e que, conseqüentemente, sofrem preconceito.

ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil,1998) e a Base Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), ainda há certa resistência em sua aplicação pedagógica. Essa concepção é a que se volta para estudos da língua em uso e que faz relação direta com a interação social. Nesse contexto, a gramática tradicional deixa de ser um modelo a ser seguido em toda e qualquer situação comunicativa. Dessa forma, essa concepção privilegia a função e a finalidade comunicativa, considerando as condições reais dos interlocutores. Vale destacar que a referida concepção não coloca a escrita numa posição hierárquica, visto que, diferente das demais, oralidade e escrita compõem modos de comunicação efetiva. Conforme Travaglia (2006, p.23), a linguagem dessa concepção acontece pela “produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico”.

Conforme exposto pelos PCN (Brasil, 1998, p.59) é importante “refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, a discriminação e os preconceitos relativos ao uso da língua”. A partir dessa perspectiva, abre-se espaço para a variação linguística ser vista e aceita como adequação e utilizada no uso comunicativo. Por conseguinte, nessa concepção, os alunos têm a oportunidade de conceber as variedades e compreender sobre a interação social e evoluir com a compreensão de que podem adequar sua fala de acordo com o contexto inserido, aprendendo também a respeitar as diversidades da língua. Portanto, a BNCC (Brasil, 2018, p.83) enfatiza a referida concepção ao afirmar que o aluno precisa “compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem”. Assim, percebemos que a referida temática é legitimada no documento mais atual que rege a educação nacional.

2.2 Variação linguística

Os estudos da sociolinguística variacionista surgiram nos Estados Unidos, na década de 1960 e iniciaram-se a partir de fundamentos dos estudiosos Weinreich, Labov e Herzog, que analisam a língua como um fenômeno social e desta maneira tratam a variação linguística como algo natural e essencial à língua em meio à sociedade. Dessa forma, é uma relação entre língua e sociedade, que foca em estudos observando a comunidade de fala, compreendendo a língua como sistema heterogêneo, conseqüentemente, afastando a perspectiva de fala homogênea, despertando que não existe falante de estilo único.

Para Coelho *et al.* (2023, p.12), “a sociolinguística é uma área da linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos”. Labov desenvolveu numerosas pesquisas e estudos norteados para a língua em seu contexto social, em especial, realçando os conhecimentos em variação linguística, tornando-se precursor e referência na área. No Brasil, iniciaram-se os estudos voltados para essa área, na década de 1970, e daí em diante os referidos estudos em nosso país aumentaram grandemente, espalhando-se em diferentes regiões e crescendo de modo considerável, inclusive, estudos voltados para a área da educação.

Dessa forma, os estudos que envolvem a variação linguística têm como objetivo sistematizar a heterogeneidade linguística, visto que fazem associação com fatores históricos, geográficos, sociais e situacionais. Segundo Coelho *et al.* (2023,

p.16), “a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes”. Sendo assim, a variação apresenta as diferentes formas de falar que cada indivíduo utiliza em sociedade no seu contexto social. Nesse sentido, são formas diferentes, mas possuem o mesmo propósito, representa o modo como os falantes discursam em sua oralidade. É importante destacar que apesar de os indivíduos falarem a mesma língua, apresentam características que fazem uma diferenciação na fala de determinado grupo social do falar de outro grupo, e isso ocorre devido à heterogeneidade linguística, como por exemplo, o grupo familiar fala diferente do grupo da universidade. Portanto, a nossa linguagem está exposta a alterações, então seria estranho se não houvesse a variação linguística, tendo em vista que nossa sociedade está em constante transformação.

Assim, cabe ressaltar que os tipos de variação linguística podem ser identificados como diastráticas ou variação social, que irá condizer com a faixa etária dos falantes, grau de escolaridade, nível socioeconômico, o sexo/gênero⁵; já a variação diacrônica ou variação histórica, são as noções de mudanças que ocorrem devido à evolução da sociedade; a variação diatópica ou geográfica, também conhecida por regional, está associada ao modo de falar de cada região, como por exemplo, os sotaques/dialetos. Diante disso, ao conversar com uma pessoa, rapidamente conseguiremos identificar se o referido indivíduo é ou não pertencente à mesma região; outra variação é a diafásica ou estilística, que corresponde às diferentes maneiras de falar, dependendo da situação ou do local em que o falante se encontra, ou seja, a forma como falamos em uma roda de conversa com amigos é diferente do modo que falamos em uma reunião de trabalho. Para Almeida e Bortoni-Ricardo (2023), a variação estilística

Trata-se de um tipo muito importante para a abordagem em sala de aula, pois nesse tópico é possível ensinar ao aluno a possibilidade de utilizar formas coloquiais e a necessidade de aprender formas mais elaboradas devido à situação interativa. (Almeida; Bortoni-Ricardo, 2023, p.26)

Além desses tipos de variação mencionados, há também um outro tipo de variação linguística, a diamésica, que estabelece a relação que existe das diferenças que acontecem entre a língua escrita e a língua falada. A esse respeito, Coelho *et al.* (2023) consideram que para estudar esse tipo de variação:

É necessário entender que existem diferenças entre o meio falado e o meio escrito. Podemos dizer que, salvo em situações excepcionais, a produção de um texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e suscetível à variação nos diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade artificial (não espontânea), ensaiada (no sentido de que reservamos tempo e espaço para planejamento, revisões e reformulações), e um pouco menos variável, pois em geral está vinculada à produção de gêneros sobre os quais há maior pressão de regras normativas e maior monitoramento. (Coelho *et al.*, 2023, p. 48)

⁵ A abordagem de estudos voltada para a vertente variacionista considera como importante o estudo em um recorte "sexo/gênero", visto que, na referida perspectiva, compreende que homens e mulheres desempenham diferentes papéis sociais - os quais vão além de uma visão categórica dos binarismos sexuais e afetivos -, não se restringindo a questões de natureza puramente biológica.

De forma geral, percebe-se que os estudos que entornam a variação linguística são amplos, fazendo parte da realidade da sociedade, disponibilizando valorização para todas as noções do sistema linguístico, mostrando que as variedades linguísticas são inerentes à língua, ocasionando em diferentes formas com o mesmo valor de verdade. Sendo assim, para os estudos da variação na educação básica, está presente no documento oficial de ensino, BNCC (Brasil, 2018), a habilidade (EF69LP55) que é destinada para o ensino de Língua Portuguesa para turmas do 6º ao 9º ano que diz respeito ao estudante: “reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” (Brasil, 2018, p.161).

Nessa direção, para o contexto escolar, o ensino da variação linguística ganha destaque e precisa ser esclarecido pelos professores para seus alunos, tendo mais espaço nas aulas de Língua Portuguesa, levando em consideração que é algo que está em nossa linguagem, no nosso meio de interação. Vale ressaltar que uma das competências específicas de Língua Portuguesa, na BNCC (Brasil, 2018, p.87), é que o discente consiga “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante das variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”. Desse modo, os alunos poderão entender a variação linguística como algo natural, diminuindo a existência das discriminações e preconceitos, tanto no ambiente escolar quanto em seu ambiente de interação social mais amplo, pois na sala de aula passam a desenvolver conhecimentos sobre as diferenças e mudanças que se realizam na língua.

2.3 Preconceito linguístico

O preconceito linguístico se desenvolve a partir da falta de reconhecimento e valorização da diversidade linguística existente em nosso país. Desse modo, é comum que o uso da língua seja rotulado de forma binária, empregando os conceitos de “certo” e “errado”. Tal comportamento acarreta em rejeição às variedades linguísticas, uma vez que apresenta uma ignorância e intolerância por parte da sociedade que acredita em uma língua homogênea e invariável, o que possibilita comentários do tipo “não sabe português” ou “fala tudo errado”. No entanto, esses comentários estão diretamente ligados aos desvios propostos pela norma padrão. Assim, a visão de língua é equivalente ao domínio da norma padrão, como se saber uma língua necessitasse apenas desse tipo de conhecimento.

À vista disso, o preconceito linguístico pode ser regional, socioeconômico, cultural, entre outros, mas geralmente atinge a camada de menor prestígio, isto é, indivíduos que não obtiveram oportunidades para inserir-se numa situação econômica confortável. Dessa forma, ocorre em vários lugares como no meio familiar, ou seja, parte dos próprios familiares, no ambiente escolar, no ambiente de trabalho, nas redes sociais, em qualquer ambiente de socialização. Sendo assim, acontece a partir de opiniões ou julgamentos em relação ao modo ou jeito de falar de uma pessoa, antes mesmo de saber sua realidade e situação.

Nesse sentido, problematizar questões como o preconceito linguístico mostra-se como uma ação necessária, uma vez que uma postura como essa pode trazer prejuízo para o indivíduo ao qual se destina. Para a BNCC (Brasil, 2018, p.70), “é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico”. Nesse contexto, o ambiente escolar é considerado um ambiente extremamente relevante

para suscitar tais problematizações, pois o ensino básico é momento importante para o indivíduo desenvolver criticidade em relação as temáticas sociais. Dessa forma, é importante que as instituições de educação valorizem o ensino do reconhecimento das diferenças linguísticas, aplicando recursos em seus cronogramas e planos escolares de modo que contribua com o combate à discriminação linguística. Diante disso, o estudo da variação é crucial para que se entenda que é preciso analisar o contexto da realidade e que não se pode julgar o outro apenas pelo seu modo de falar. Segundo Bagno (2015, p.16), “a prática da reflexão linguística é importante para a formação intelectual do cidadão”. Sendo assim, não se deve discriminar ou desmerecer os modos de falar de diferentes grupos sociais, como se não houvesse variação e mudança na língua.

Nessa perspectiva, o preconceito linguístico também transcorre na escola. Posto isso, a escola pode atuar como agenciadora da disseminação do preconceito na tentativa de amenizar tal ação, já que é na escola que o cidadão adquire conhecimentos a causas invisíveis como a do preconceito linguístico. Visto que, nos estudos, os discentes terão a possibilidade de compreender e diferenciar sobre os entendimentos relacionados à língua. Na sala de aula, o estudante precisa entender que existe um universo de variedades e que é preciso respeitar cada uma delas. Em conformidade com Bagno (2015),

É preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação e mudança linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. (Bagno, 2015, p.18).

Em virtude da diversidade social que constitui o ambiente escolar e, sobretudo, do seu compromisso social, tal ambiente se mostra propício a abordar as diferentes formas de usos linguísticos de forma legítima, demonstrando aos aprendizes as peculiaridades da língua. Logo, cada indivíduo tem sua identidade linguística.

Nesse contexto, Bagno (2015, p.79) salienta que “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo”. A língua é um instrumento social em constante variação e suscetível a mudanças, utilizada pela sociedade como meio de comunicação, por isso a variação linguística é incorporada pelas próprias pessoas, cada uma dentro de sua realidade cultural.

Diante disso, se desenvolve a importância de a escola trazer essa valorização da variação linguística, pois o espaço escolar é um local socializador e assim, se consegue aprimorar o ensino da língua portuguesa e ampliar o repertório linguístico dos discentes. Assim, cabe ao professor estar atento à discriminação linguística que acontece em sala de aula, ação essa que se configura como uma violência simbólica.⁶ Assim, Antunes (2003, p.90) estabelece que “[...] a discriminação social torna-se também linguística”. Ainda, segundo Bagno (2015),

⁶ A violência simbólica é um conceito desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. De forma geral, entende-se como uma violência que é cometida com a cumplicidade seus agentes, ou seja, entre quem sofre e quem a pratica, agindo de forma implícita. Assim, frequentemente, os envolvidos não demonstram consciência do que estão sofrendo ou exercendo.

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. (Bagno, 2015, p.78).

Conforme citado anteriormente, o autor deixa claro que, ao reconhecer as variedades da língua, será possível formar uma sociedade consciente da realidade, seja cultural, social ou política em que vivem, respeitando o falar de todos. Por esse motivo, é interessante trabalhar sobre a variação linguística no ambiente escolar, pois assim serão problematizados os mitos, as discriminações e os preconceitos linguísticos.

Nesse sentido, Bagno (2015) evidencia alguns mitos linguísticos, que são elencados como forma de encontrar maneiras de refletir sobre o preconceito linguístico com meios mais adequados.

- O primeiro mito estabelece que “o português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente”: a inadequação desse mito mostra-se pelo fato de o mesmo desconsiderar a variação presente na língua, atribuindo a ela o *status* de um organismo homogêneo. Dessa forma, esse mito não condiz com a verdade sobre a nossa língua, já que o nosso país contém várias diversidades e a língua portuguesa não é utilizada do mesmo modo pelos falantes.
- O segundo mito estabelece que “brasileiro não sabe português| só em Portugal se fala bem português”: essa questão que é colocada é um grande mito, pois o que existe são apenas diferenças naturais entre uma língua e que não podemos afirmar que existe uma mais bonita que a outra, cada lugar terá suas peculiaridades no que tange ao comportamento linguístico.
- O terceiro mito estabelece que “português é muito difícil”: geralmente é associado a regras que se ensinam na escola, e por isso é comum haver essa associação entre as aulas de gramática e a língua. Em função disso, Bagno (2015, p.57) ressalta sobre o ensino de português “no dia em que nosso ensino de português se concentra no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem”.
- O quarto mito estabelece que “as pessoas sem instrução falam tudo errado”: assim como o primeiro mito, relaciona-se ao fato de reduzir à língua ao conhecimento das regras normativas da gramática imposta pela escola. A partir disso, a sociedade desenvolve julgamentos sem procurar informações sobre o contexto em que o falante está inserido, qualquer evasão das regras já é rapidamente considerada como “errada” e “feia”, sendo que em dadas situações podem ser até mesmo questões fonéticas, esse mito é verdadeiramente antes de tudo um preconceito social presente e instalado na sociedade.
- O quinto mito estabelece que “o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”: o preconceito linguístico acarreta uma série de outros mitos, como o preconceito relacionado ao lugar de onde o indivíduo provém. Então, fazem essa relação tendo em vista que os maranhenses utilizam expressões clássicas como o pronome tu, em detrimento do pronome de tratamento

“você”, comumente utilizado em outras regiões do Brasil. No entanto, sabemos que não é correto determinar o que é “melhor” ou “mais bonito”, pois o que acontece são as diferenças que ocorrem naturalmente devido à variação e diversidade de cada local, e precisam ser respeitadas.

- O sexto mito estabelece que “o certo é falar assim porque se escreve assim”: para esse mito se desenvolve a supervalorização da língua escrita, no entanto é de grande importância ampliar o acesso nas duas modalidades, em situações diversificadas, consideradas que ambas as modalidades, a depender do contexto, apresentam graus variados de formalidade. É interessante destacar, que nem toda escrita é formal e nem toda fala é informal. Ao apresentar um trabalho de conclusão de curso, por exemplo, o indivíduo irá procurar manter uma formalidade maior possível, mesmo sendo um gênero oral. Da mesma forma, escrever um recado para uma pessoa próxima, mesmo sendo um gênero escrito, apresenta-se com um grau baixo de monitoramento no que se refere à escrita formal. Assim, o que ocorre, na realidade, é um *continuum* que se estabelece entre fala e escrita.
- O sétimo mito estabelece que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem”: na verdade é necessário muito mais do que saber a norma padrão, haja vista que é preciso também ter conhecimento de mundo, interação social, entre outros. Um exemplo são escritores, como Carolina Maria de Jesus, escritora da literatura brasileira que não tinha muitos conhecimentos sobre a referida norma prescritiva, mas que conseguiu escrever excelentes obras, do mesmo modo que nem todos os gramáticos conseguem ser bons escritores.
- O oitavo mito estabelece que “o domínio da norma-padrão é um instrumento da ascensão social”: é uma ilusão essa afirmação, pois se esse mito fosse legítimo, muitas pessoas com grau de escolarização mais alta e que apresentam um bom uso da referida gramática estariam numa posição social de maior prestígio. No entanto, tal conhecimento não é garantia de ascensão social.

Como podemos observar, esses mitos desenvolvem um círculo vicioso do preconceito linguístico, que se forma a partir da gramática tradicional, dos livros didáticos e da pedagogia que se desenvolve de forma tradicional. Finalizamos essa seção após percorrer por toda apresentação dos referenciais teóricos como concepções de linguagem, variação linguística e o preconceito linguístico, tendo a escola como principal agenciadora da amenização de tal ação. Na seção seguinte, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da presente pesquisa.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, registrando e analisando sobre os conhecimentos linguísticos, a fim de coletar dados sobre a aprendizagem e a compreensão dos alunos de ensino fundamental acerca

das concepções que tanto os alunos como os professores têm a respeito da variação linguística. Segundo Paiva (2019):

A pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de “compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas” (FLICK, 2007, p. ix). Tais formas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou músicas), etc. (Paiva, 2019, p.13)

À vista disso, buscamos alcançar o objetivo geral que é analisar as concepções de linguagem dos alunos de modo a fazer uma reflexão de como é concebida a variação linguística no ambiente escolar e entender como é abordada na educação básica. De acordo com Gonçalves (2003, p.65 *apud* Paiva, 2019, p.14), “a pesquisa descritiva tem como alvo descrever o fenômeno estudado e “não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno; preocupa-se em apresentar suas características”.

Dessa forma, para a realização desse estudo, foi feita a elaboração de dois questionários de sondagem, um destinado a professores de Língua Portuguesa, contendo cinco questões, sendo elas quatro subjetivas e uma objetiva, com o intuito de coletar informações acerca das concepções da variação linguística em relação à aprendizagem dos alunos nos dias atuais, na qual o professor expõe sua opinião em relação ao trabalho na sala de aula com a variação e o outro questionário de sondagem foi destinado a alunos, com dez questões no total, sendo três subjetivas e sete objetivas, sendo assim foi entregue a todos os alunos que estavam presentes, deixando-os à vontade para responder até o final da aula. Portanto, desenvolvemos os questionários de sondagem afim de obter os objetivos do trabalho.

Essa pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual, na cidade de Guarabira-PB, em uma turma de 9º ano do ensino fundamental, no turno da manhã, que possui 45 alunos matriculados, oriundos da zona urbana e rural. Desse modo, apenas 23 educandos participaram do questionário de sondagem que aborda as concepções de linguagem dos alunos, refletindo em como a variação linguística é concebida na escola, no entanto, serão analisadas as respostas com maior frequência. Vale ressaltar, que o corpo discente da escola é constituído principalmente por filhos de famílias carentes, o que acarreta grandes desafios e luta para o corpo escolar no que se refere ao tentar atender as necessidades de seu alunado. A turma sofre com um grande índice de faltas recorrentes e evasão escolar. Em virtude disso, apenas 50% da turma estava presente no dia em que foi realizada a coleta.

Nesse sentido, a coleta aconteceu com os alunos, na aula de Língua Portuguesa, no momento de acompanhamento com as residentes pedagógicas do Curso de Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - Campus III. Dessa forma, a aula foi reservada para que acontecesse a aplicação do questionário, que foi entregue para cada aluno presente na sala de aula para que respondesse de forma individual.

A Residência Pedagógica (RP) é um programa oferecido pela CAPES para discentes com matrícula ativa em curso de licenciatura e que tenham cursado o mínimo de 50% do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período. O programa tem como objetivo desenvolver projetos em escolas da rede pública, contendo parcerias com as instituições de Ensino Superior, como por exemplo, a UEPB de Guarabira-PB. Sendo assim, o programa RP colabora para a formação inicial de professores da educação básica, ajudando os licenciandos no processo de formação de sua identidade profissional.

Nessa direção, para o professor de português da turma também foi entregue um questionário de forma física. Entretanto, os professores que participaram da pesquisa não foram todos da mesma instituição, visto que, a fim de obter mais participantes da pesquisa, para uma análise mais robusta foi enviado de maneira virtual para profissionais que atuam em outras escolas. Sendo assim, conseguimos atingir mais professores da área de maneira mais rápida e simplificada, de forma a contribuir com a expansão da pesquisa.

É importante destacar que, por questões éticas, nenhum dos participantes teve sua identidade revelada na pesquisa, desse modo, denominaremos em nossa análise para as respostas concedidas no questionário dos educandos do 9º ano, de aluno informante seguindo a ordem alfabética a, b, c ... e para as respostas concedidas no questionário dos professores, denominaremos de professor (a) 1, 2 e 3.

A seguir, nos Quadros 1 e 2, apresentaremos os questionários desenvolvidos para levantamento dos dados desta pesquisa e que foram aplicados aos participantes mencionados anteriormente.

Quadro 1 - Questionário aplicado aos alunos do 9º ano

1-Você já ouviu falar em variação linguística? Caso a resposta seja SIM, o que você entende sobre variação linguística?
2-Nas aulas de Língua Portuguesa, o (a) professor (a) abordou o tema variação linguística? () Sim () Não
3-O que você entende sobre preconceito linguístico?
4-Você já sofreu preconceito linguístico no ambiente escolar por causa do modo de falar? () Sim () Não
5-Você sente dificuldade em desenvolver a fala que está de acordo com a gramática tradicional? () Sim () Não
6-Você sente dificuldade para desenvolver uma produção textual utilizando a gramática tradicional? () Sim () Não
7-Você considera que domina plenamente a língua portuguesa? () Sim () Não
8-O que você considera como “erro” no uso da língua portuguesa?
9-A variação linguística é natural e essencial para a linguagem humana? () Sim () Não
10-O que você entende sobre uma pessoa que fala “bicicreta”, “bassoura”, “pranta”, “probrema”. a. É uma variação social. b. Fala errado. c. Pertence a uma camada social desprestigiada, marginalizada e excluída que não têm acesso à educação formal e aos bens culturais da elite. d. Não conhece a norma padrão.

Fonte: a autora (2024)

Quadro 2 - Questionário aplicado aos professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental e médio

1-De que forma você lida com a variação linguística na fala dos seus alunos?
2-Você percebe reflexos da fala na escrita dos alunos? De que forma você lida com isso?
3-Há indicações no livro didático sobre o trabalho com a variação linguística? De que forma?
4-Há problemas relacionados ao preconceito linguístico em suas aulas? De que forma você lida com isso?
5-Estabeleça a importância do trabalho com a variação linguística no ambiente escolar: a. <input type="checkbox"/> não é importante b. <input type="checkbox"/> pouco importante c. <input type="checkbox"/> muito importante

Fonte: a autora (2024)

Após a apresentação da seção metodológica, na seção 4, a seguir, apresentaremos as análises e discussões do trabalho.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos a análise e os resultados das respostas dos questionários de sondagem aplicados aos alunos e aos professores de Língua Portuguesa. Inicialmente, serão analisadas as respostas dadas pelos educandos quanto a cada questão subjetiva e objetiva, em seguida, analisaremos as respostas dadas pelos professores participantes da pesquisa.

4.1 Análise do questionário de sondagem direcionado aos alunos

O questionário de sondagem direcionado aos alunos contém questões subjetivas e objetivas, totalizando dez questões sobre o assunto. Foi aplicado em uma turma de 9º ano em uma escola pública da cidade de Guarabira-PB, com o objetivo de levantar dados acerca das concepções de linguagem dos alunos, refletindo como a variação linguística é concebida no ambiente escolar.

4.1.1 Questões subjetivas

As três questões subjetivas levantaram questionamentos importantes em relação à variação linguística e a fatores como o preconceito linguístico e as concepções dos educandos sobre “erro” na língua portuguesa.

Na primeira questão do questionário, os alunos foram indagados se já ouviram falar em variação linguística. As respostas para tal questionamento são apresentadas no quadro 3, a seguir, seguidas das análises.

Quadro 3 - Questão nº 1 do questionário direcionado aos alunos com as respostas

1. Você já ouviu falar em variação linguística? Caso a resposta seja SIM, o que você entende sobre variação linguística?
Respostas dos alunos ⁷
<p>a) <i>“Sim, eu entendo que a variação linguística é um grupo de língua diferente, que cada língua tem uma diferente.”</i></p> <p>b) <i>“Sim, a variação linguística é a forma como você fala conforme sua região.”</i></p> <p>c) <i>“Sim, a variação linguística é a característica de todas as línguas naturais.”</i></p> <p>d) <i>“Sim, a variação linguística é a formas em diferentes de padrões de palavras utilizadas, como em cidades regionais diferentes como a palavra macaxeira que no RJ é chamada de aipim.”</i></p> <p>e) <i>“Sim, vários tipos de língua.”</i></p> <p>f) <i>“Sim, variações linguísticas são a variedade nas diversas formas de falar dependendo da sua região.”</i></p>

Fonte: a autora (2024)

Ao analisarmos as respostas concedidas pelos alunos, percebemos que a maioria deles já ouviu falar em variação linguística, pois apenas 4 dentre os 23 alunos disseram não terem ouvido falar sobre o assunto. Vale ressaltar, que selecionamos as respostas com maior frequência. Com isso, observamos que as respostas para essa questão eram mais voltadas para a variação linguística diatópica, também conhecida como regional/geográfica. É comum que os indivíduos acessem mais esses fatores, pois é o que os livros didáticos dão maior ênfase e, muitas vezes, alguns profissionais da educação resumem a variação linguística a esse aspecto, focando mais para a comparação de regiões. Entretanto, essas respostas demonstram o conhecimento que os alunos têm acerca da variação. Dessa forma, alguns classificam a variação como a própria língua, demonstrando pouco conhecimento acerca da temática, como pode ser visualizado no quadro 4, a seguir. Diante disso, suscitar tais reflexões em sala de aula mostra-se relevante.

Quadro 4: Questão nº 3 do questionário direcionado aos alunos com as respostas

3. O que você entende sobre preconceito linguístico?
Respostas dos alunos

⁷ Vale ressaltar, que as respostas contidas nos quadros foram transcritas conforme as respostas concedidas pelos alunos.

- a) *“Pessoa com preconceito, com a fala dos outros.”*
- b) *“É quando a pessoa julga o modo que a pessoa fala.”*
- c) *“Pessoas zoando pessoas que falam errado.”*
- d) *“Preconceito linguístico é quando acontece quando você critica a forma do outro falar.”*
- e) *“Que as pessoas têm preconceito com o modo que algumas outras pessoas falam.”*
- f) *“Eu entendo que preconceito linguístico é quando pessoas ver línguas diferentes é fica comentando, falando e desrespeitando.”*
- g) *“Eu vejo como se fosse a pessoa falar algo errado e vinher outras pessoas falar na frente dos outros que a gente tá errado.”*
- h) *“É quando uma pessoa fala por exemplo nordestino é a outra pessoa fala carioca e começa a rir do modo que o nordestino fala.”*

Fonte: a autora (2024)

Ao analisarmos as respostas concedidas para essa questão, apenas 1 de 23 alunos, respondeu “não sei”, na resposta do aluno informante c, presente no quadro 4, o educando descreve que é **“Pessoas zoando pessoas que falam errado”**, demonstrando a concepção tradicional que o indivíduo tem sobre a língua, mas, afinal, preconceito linguístico é isso mesmo. Porém, a resposta desse aluno já traz uma visão preconceituosa da variação linguística quando se remete ao termo **“[...] pessoas que falam errado”**, sendo assim, é interessante que os educandos passem a adquirir uma nova visão para esta questão do termo erro, tendo em vista, que o que existe são inadequações, então poderia adicionar em sua resposta no lugar de **“errado”** o termo inadequado, ou, pessoa que não está seguindo as regras gramaticais, pois também deve se levar em consideração antes de responder questões como essa do quadro 4, o contexto social do indivíduo. No entanto, os demais educandos responderam de forma clara e sucinta sobre o respectivo assunto de modo positivo, pois conseguem articular bem suas concepções em relação ao preconceito linguístico, possivelmente compreendendo a gravidade da referida ação, principalmente no ambiente escolar. É extremamente importante esse conhecimento por parte dos alunos da turma, o que permite inferir também que o trabalho e o estudo realizado em sala de aula pelos profissionais da Língua Portuguesa vem alcançando resultados positivos no tocante a referida temática. Entretanto, vale salientar que o fato dos alunos saberem o que é preconceito linguístico não significa que eles não sejam preconceituosos.

No que tange à noção de erro de português, é possível visualizar, observando o quadro 5, uma lacuna para essa questão.

Quadro 5: Questão nº 8 do questionário direcionado aos alunos com as respostas

8. O que você considera como “erro” no uso da língua portuguesa?

Respostas dos alunos
a) <i>“O uso de letras que não tem som em frases, como o H, e o uso de gírias na escrita.”</i>
b) <i>“Considero erro, quando pessoas escrevem a palavra e esquecem de colocar o acento.”</i>
c) <i>“O uso errado da gramática.”</i>
d) <i>“A quantidade de regras, palavras grandes, o ‘ç’ o ‘q’ no início de palavras, ele poderia ser substituído por ‘c’ exemplo a palavra ‘quantidade’ se usássemos o ‘c’ daria o mesmo som (cuantidade).”</i>
e) <i>“Considero erro quando algumas pessoas esquecem de deixar afastado da margem ou pulam linha escrevendo texto.”</i>
f) <i>“A palavra “todes.”</i>

Fonte: a autora (2024)

A maior parte dos alunos respondeu que se trata de um erro gramatical, três alunos não responderam essa questão. As respostas foram coerentes com o uso relacionado às regras da norma padrão. Pode-se inferir, mediante as respostas concedidas para essa questão, que boa parte dos conhecimentos que os alunos apresentam para as questões relacionadas à linguagem está relacionado a questões de ordem gramatical. O resultado dessa questão consiste em ressaltar a importância dos estudos voltados para a variação linguística, pois para Bagno (2006, p. 38), “a noção de erro tem que ser reservada para problemas individuais”. Assim, nessa perspectiva, os alunos passam a diferenciar a variação linguística das regras da norma padrão e compreender que existem diferenciações quando se trata da fala e da escrita. Observa-se que as respostas se voltam para a escrita no que diz respeito às regras da norma padrão, se caso a pergunta fosse sobre “erro” na fala, provavelmente as respostas se repetiriam. Em conformidade com Bagno (2015),

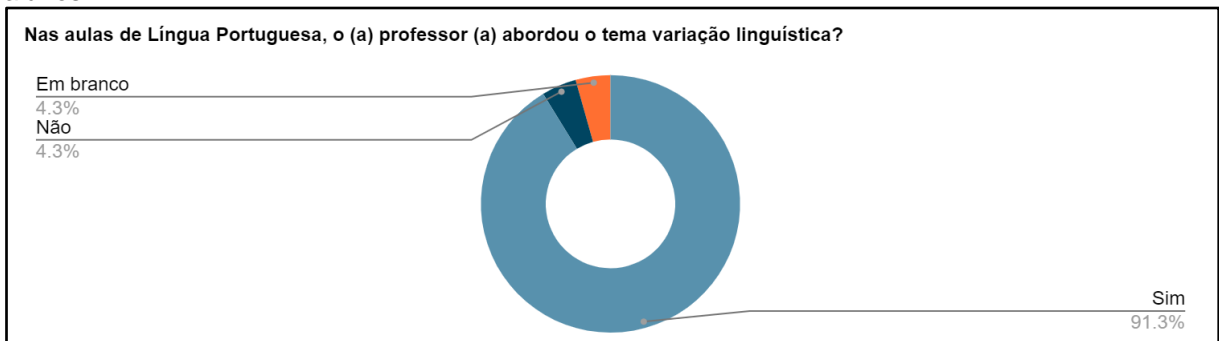
“Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira, erra-se ao escrever, porque a escrita é um aprendizado secundário”. (Bagno, 2015, p. 176-177)

Desse modo, é importante que entendam o que é erro para a sociolinguística, de modo a compreender que “toda língua muda e varia” (Bagno, 2015, p. 200). Sendo assim, será possível uma amenização do preconceito linguístico. Após a análise das questões subjetivas, na subseção seguinte, vejamos as respostas e análises das questões objetivas do questionário direcionado aos alunos.

4.1.2 Questões objetivas

Para as questões objetivas, foram elaboradas sete perguntas que permeiam fatores da variação linguística, aulas de Língua Portuguesa, preconceito linguístico, dificuldade na fala e na produção textual, e domínio da Língua Portuguesa. É importante ressaltar que os alunos responderam ao questionário, no momento da aula de Português. A primeira questão objetiva, referente a segunda questão do questionário direcionado aos alunos, indaga se o professor já abordou ou não a temática da variação. As respostas para a referida questão podem ser visualizadas no gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº 2 do questionário direcionado aos alunos

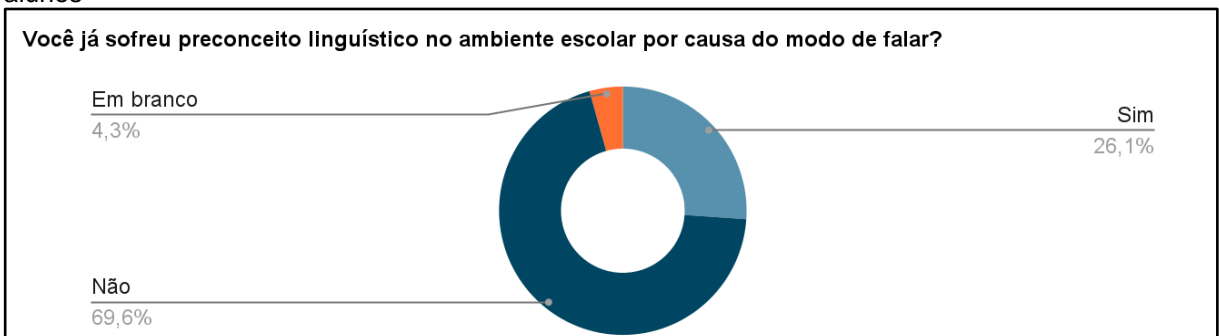


Fonte: a autora (2024)

Conforme pode ser visualizado no Gráfico 1, é possível ter grande parte da turma afirmando sobre o tema variação linguística, presente nas aulas de Língua Portuguesa, aspecto relevante e eficaz para a educação básica, pois mostra resultados positivos para o ensino voltado para a sociolinguística. Percebe-se também que é possível que os professores estejam abordando a temática da variação linguística em suas aulas. No entanto, vale destacar que apesar de a maioria ter afirmado que teve acesso a esse conhecimento, mostra-se interessante refletir a forma como a referida temática foi abstraída pelos educandos, visto que, nas questões subjetivas, as respostas dos alunos demonstram um conhecimento escasso acerca da variação. É importante salientar, que por vezes, os alunos afirmam que não foi abordado, porém há outras motivações, como por exemplo, esquecimento, falta de atenção. Assim, o que pode ocorrer também é que as aulas podem ter sido mais temáticas do que analíticas.

Na quarta questão, os alunos foram indagados se já sofreram preconceito linguístico no ambiente escolar. As respostas para tal questionamento são apresentadas no Gráfico 2, a seguir, seguidas das análises.

Gráfico 2- Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº 4 do questionário direcionado aos alunos



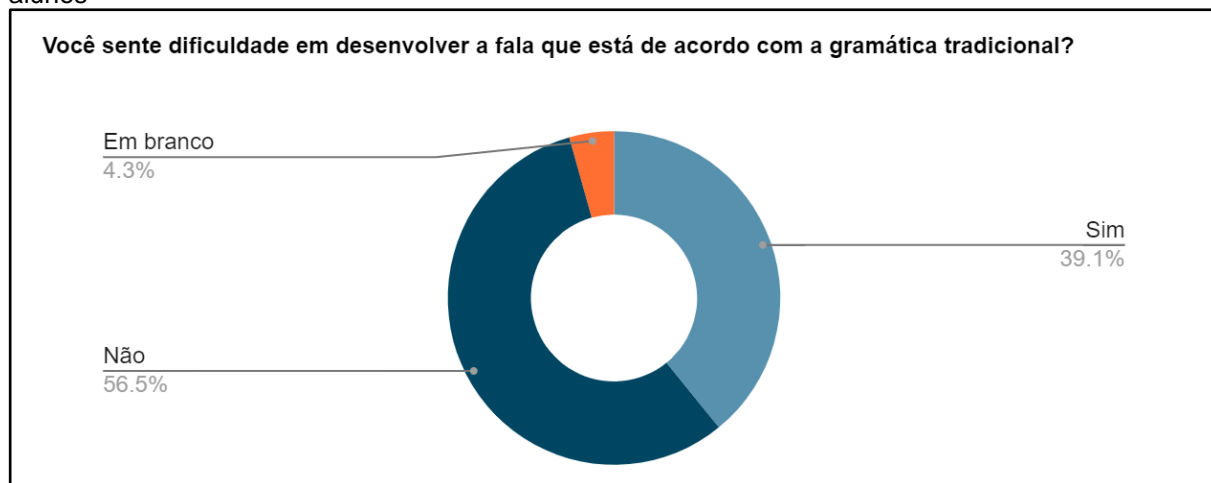
Fonte: a autora (2024)

Para essa questão, uma boa parte dos educandos respondeu que não sofreu preconceito linguístico no ambiente escolar. No entanto, 26,1% que corresponde a seis alunos, responderam já ter sofrido preconceito linguístico por causa do simples modo de falar e se expressar, alguns até chegam a comentar que é devido ao fato de morarem em zona rural. O preconceito linguístico, apesar de ser trabalhado nas escolas e ter aumentado o combate a essa prática, ainda está presente nas salas de aula e é preciso intensificar ainda mais o combate ao preconceito linguístico no ambiente escolar, é preciso tornar os educandos conscientes no que tange aos usos linguísticos.

Nessa direção, quando os livros didáticos trazem essa temática, geralmente, é a partir da figura do Chico Bento e possivelmente o comando da atividade é para o aluno identificar os erros e corrigir a fala do personagem. Então, é importante que no ambiente escolar aconteça um olhar mediante também em analisar como essas reflexões são abordadas nos livros didáticos escolhidos pela escola.

A próxima questão indaga aos alunos se eles sentem dificuldade em desenvolver a fala de acordo com a gramática tradicional, para uma melhor visualização, vejamos o gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 - Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº 5 do questionário direcionado aos alunos

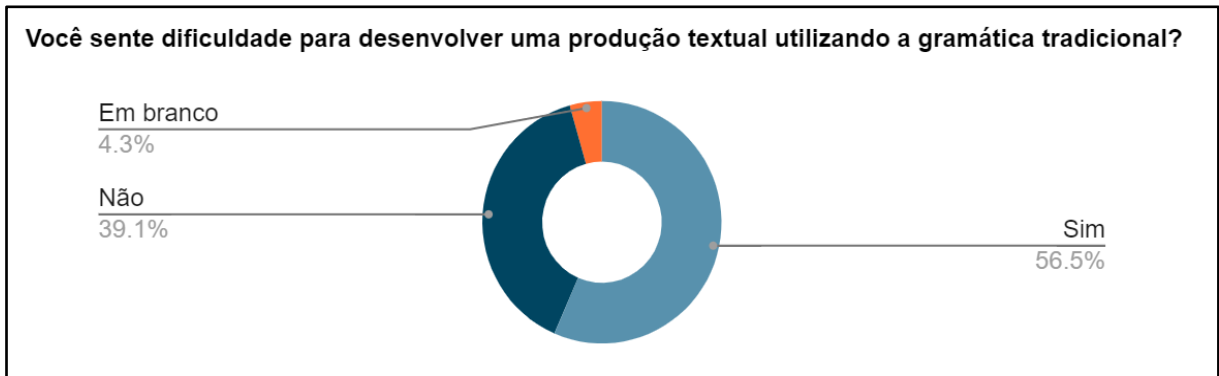


Fonte: a autora (2024)

Um dos maiores desafios é saber lidar com os alunos quando relatam que o ensino de Língua Portuguesa é difícil. Assim, essa afirmação feita pelos alunos remete para eles dificuldade, por esse motivo a porcentagem de 39,1% afirmando que sente dificuldade para desenvolver a fala de acordo com a norma padrão. Para a nossa surpresa, a maior porcentagem, que foi 56,5%, é de alunos afirmando que não sentem dificuldade e isso é positivo no que tange ao ensino e um resultado importante para o desenvolvimento dos alunos. No entanto, apesar de enxergar isso de forma positiva, mostra-se relevante reforçar que os aspectos linguísticos vão além das restrições da gramática tradicional, também devem ser contemplados, quando se trata do trabalho com a linguagem no ambiente escolar, visto que as respostas dos alunos para a temática abordada nesta pesquisa demonstram uma precariedade no tocante às reflexões que os discentes têm acerca da linguagem.

Na questão seis, os alunos são questionados sobre a dificuldade de escrever de acordo com a gramática tradicional. Vejamos, no gráfico 4, as respostas para a referida questão.

Gráfico 4 - Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº 6 do questionário direcionado aos alunos

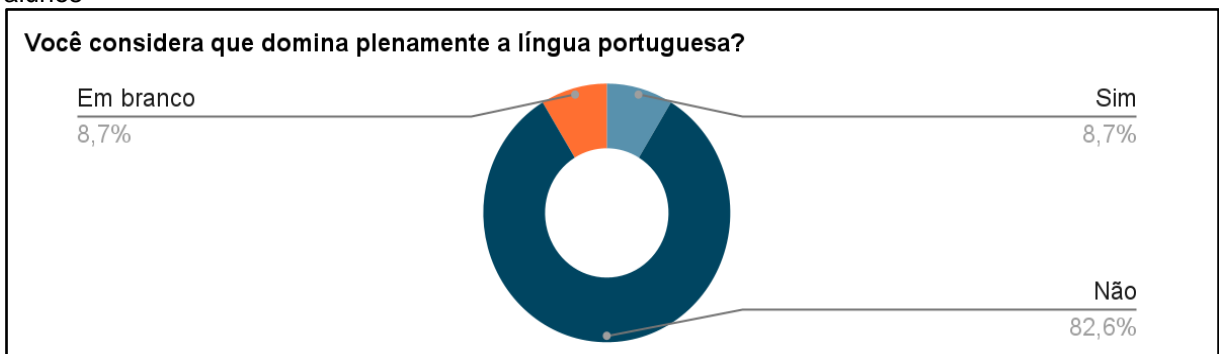


Fonte: a autora (2024)

Como vemos, essa questão obteve o mesmo resultado da anterior. Dessa forma, percebemos que a dificuldade está sendo superada pelos educandos, mas que há ainda um grande número de alunos que se afastam das aulas de português por se considerarem incapazes de desenvolver, por exemplo, um resumo, um relato. Acredita-se que justamente pelo motivo de transferirem processos fonológicos da fala para a escrita. Nota-se a necessidade de uma união entre os fenômenos da sociolinguística e da norma padrão, a fim de tornar as aulas de Língua Portuguesa mais significativas para o desenvolvimento amplo dos educandos.

No que tange ao domínio pleno da língua portuguesa, vejamos, no gráfico 5, as respostas para essa questão.

Gráfico 5 - Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº 7 do questionário direcionado aos alunos



Fonte: a autora (2024)

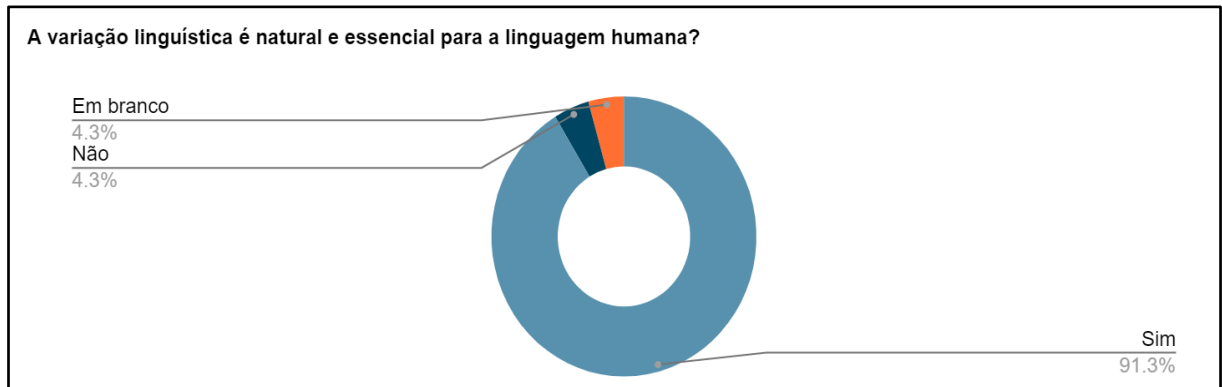
Conforme as respostas visualizadas no Gráfico 5, para os educandos, dominar a língua é sinônimo de dominar a norma padrão. Em virtude disso, a maioria diz não atingir tal domínio. No entanto, é importante compreender que “todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua” (Bagnó, 2015, p. 176). Nessa direção, ainda segundo Bagnó (2006),

“podemos dizer que o que existe, de um lado, em termos de representação ou imaginário linguístico, é uma norma-padrão ideal, inatingível e do outro lado, em termos de realidade linguística e social a massa de variedades reais, concretas como se encontram na sociedade”. (Bagnó, 2006, p. 187)

Assim, como já citado anteriormente nesta pesquisa, nem mesmo aquele falante mais culto e bem escolarizado consegue seguir rigidamente todas as regras e ter um domínio do que propõe o ensino da referida norma.

Na nona questão os alunos são indagados sobre a variação linguística ser natural e essencial para a linguagem humana. Vejamos, no gráfico 6, o percentual das respostas concedidas pelos alunos para a referida questão.

Gráfico 6 - Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº 9 do questionário direcionado aos alunos

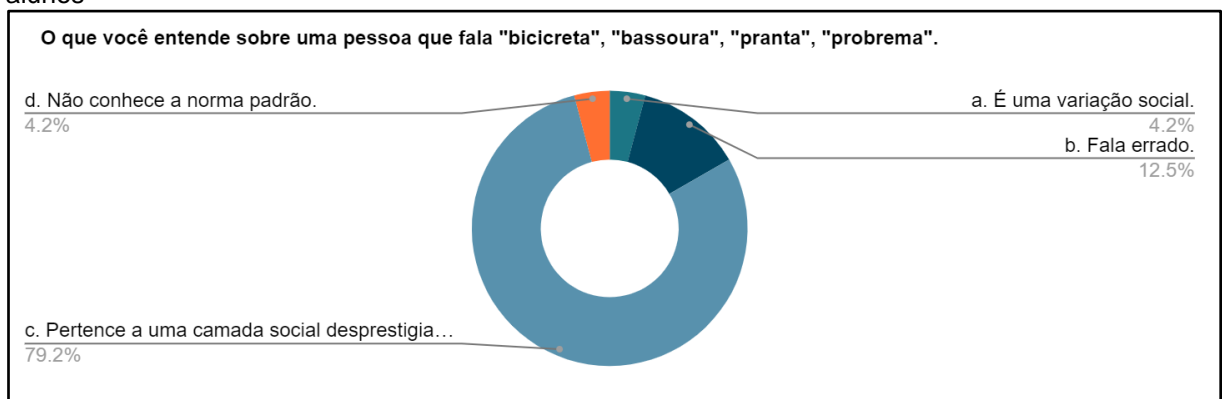


Fonte: a autora (2024)

Nesta questão, 91,3% dos alunos acreditam que a variação linguística é natural e essencial para a linguagem humana. Tal resultado demonstra uma porcentagem significativa para apresentar efeitos dos estudos linguísticos em nosso ambiente escolar. Conforme Almeida e Bortoni-Ricardo (2023, p. 22), “os estudos de Labov (1962) apontam que a variação linguística é natural, é essencial à linguagem humana; dessa forma, o que exigiria explicação seria a ausência da variação na linguagem e não a sua presença”. Dessa forma, a concepção que os alunos têm sobre a variação é coerente e condiz com os estudos linguísticos e com o que se espera nas aulas de português.

Na questão 10, os alunos são questionados ao que entendem sobre uma pessoa que fala “bicicreta”, “bassoura”, “pranta”, “probrema”. Vejamos, a seguir, no gráfico 7, as respostas para a referida questão.

Gráfico 7 - Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº 10 do questionário direcionado aos alunos



Fonte: a autora (2024)

Para a questão apresentada no Gráfico 7, os educandos tiveram a opção de escolher sobre suas concepções em relação a uma pessoa que fala “bicicreta”, “bassoura”, “pranta”, “probrema”. Assim, 79,2% que corresponde a 19 alunos da turma afirmou que pertence a uma camada social desprestigiada, marginalizada e excluída, que não têm acesso à educação formal e aos bens da elite, o que

corresponde a alternativa c da referida questão. Esse resultado mostra que esses alunos entenderam o objetivo do ensino da variação linguística na sala de aula, demonstrando que existe todo um contexto para falar daquela forma, pois tudo vai depender do ambiente no qual indivíduo está inserido.

Portanto, as respostas dadas pelos educandos para as questões do questionário demonstram que eles têm conhecimento acerca da variação linguística, mas para algumas questões é perceptível que é preciso um amadurecimento das ideias e concepções sobre o referido tema, pois ainda contém entendimentos inadequados que podem ser esclarecidos e amenizados, como por exemplo, em nosso questionário, no Gráfico 2, 26,1%, o que corresponde a seis dos educandos, responderam que já sofreram preconceito linguístico na escola. Nesse sentido, a contribuição da escola junto com os professores é importante para um ensino de variação linguística mais aprofundado, de modo a tentar amenizar o preconceito linguístico, que apesar de ser trabalhado nas aulas de português, ainda está presente no ambiente escolar.

Na análise objetiva dos dados, os resultados demonstram certo grau de consciência sociolinguística dos aprendizes. Tal fato nos faz refletir sobre a necessidade de ampliar a criticidade dos alunos sobre a referida temática.

Após a análise das questões objetivas do questionário direcionado aos alunos, na subseção seguinte, vejamos as respostas e análises das questões do questionário direcionado aos professores de língua portuguesa.

4.2 Análise do questionário de sondagem direcionado aos professores de Língua Portuguesa

O questionário de sondagem direcionado aos professores de Língua Portuguesa, contém cinco questões sobre a forma como lida com a variação linguística, reflexos da fala na escrita dos educandos, livro didático, presença do preconceito linguístico em suas salas de aulas e a importância do trabalho com a variação linguística no ambiente escolar. A seguir, nos Quadros 6, 7, 8, 9 e no Gráfico 8, apresentaremos as respostas dos professores de Língua Portuguesa.

Quadro 6 - Questão nº 1 do questionário direcionado aos professores com as respostas

De que forma você lida com a variação linguística na fala dos seus alunos?
Professor (a) 1: <i>“Encaro com naturalidade, uma vez que a língua é heterogênea e dinâmica, ou seja, há várias formas de usos linguísticos para cada contexto comunicacional.”</i>
Professor (a) 2: <i>“Eu lido naturalmente, uma vez que os discentes têm suas próprias influências linguísticas devido ao contexto que convivem. Por exemplo, não posso corrigir um aluno que vem do campo, nem tampouco da cidade, já que as interações comunicativas de ambos são distintas. Mas se houver uma situação de trabalho com gênero oral, como, por exemplo, um seminário, certamente irei orientá-los que é um gênero que exige o uso da norma culta da língua portuguesa. Enfim, a variação linguística se manifesta de várias formas na sala de aula, o importante é saber respeitar e se adequar a elas. Não dando espaço ao preconceito linguístico.”</i>
Professor (a) 3: <i>“A variação linguística dos meus alunos é utilizada como caminho</i>

para trabalhar as perspectivas de respeito e valorização das diferenças culturais, econômicas e sociais.”

Fonte: a autora (2024)

Nesta questão, as respostas dos professores são bem objetivas, de modo a mostrar que priorizam a naturalidade, com a finalidade de buscar a melhor forma para lidar com o aluno. Dessa forma, indicam uma prioridade no que tange à análise do contexto em que estão inseridos. Tal atitude mostra-se essencial para possibilitar uma reflexão por parte dos alunos sobre as ricas formas de usos de linguagem.

Quadro 7- Questão nº 2 do questionário direcionado aos professores com as respostas

Você percebe reflexos da fala na escrita dos alunos? De que forma você lida com isso?

Professor (a) 1: *“Sim. Procuo corrigir de maneira respeitosa, conscientizando o educando acerca da relação entre variação linguística e gênero textual/discursivo. Nesse contexto, a forma de escrever e falar deve atender ao processo funcional que envolve cada texto produzido.”*

Professor (a) 2: *“Sim, hoje em dia, apesar dos esforços de nós professores de língua portuguesa, ensinado-os a diferença entre a linguagem coloquial e a formal, eles insistem em escrever do jeito que falam. E agora escrevem também do jeito que digitam, usando o internetês. Sendo assim, encontra-se inadequações como: abreviações de palavras, falta de concordância nominal e verbal, conjugação inadequada de tempos verbais etc. A correção, neste caso, é o melhor caminho, procuro corrigir, colocar observações, peço para revisar o conteúdo que está com dificuldade e vou orientando conforme a dificuldade apresentada. Sempre gosto de frisar que a escrita deve ser prezada, pois exige-se um cuidado maior com a comunicação por meio da fala. Trabalhos de escrita e reescrita são boas soluções comunicativas que cada gênero exige.”*

Professor (a) 3: *“Sim, então, sempre apresento para os meus alunos o conceito de adequação linguística com o objetivo de que eles compreendam a necessidade de adaptar a linguagem de acordo com a exigência de cada momento. Além disso, sempre trabalho as variações linguísticas em sala de aula.”*

Fonte: a autora (2024)

No que se refere a questão presente no Quadro 7, os professores relatam sobre a presença de reflexos da fala na escrita dos educandos, mas que priorizam sempre o respeito e procuram formas de conscientizá-los sobre o cuidado necessário no momento da escrita formal, de modo a torná-los aptos para saberem adequar a linguagem de acordo com as exigências de cada momento. No entanto, a posição do (a) professor (a) 2, quando enfatiza que “eles insistem em escrever do jeito que falam” apresenta-se de forma impositiva, pois é preciso analisar o contexto e a realidade de seu alunado, dessa forma buscar mostrá-los de maneira respeitosa que é preciso ter um monitoramento.

A terceira questão do questionário direcionado aos professores indaga se há indicações no livro didático sobre o trabalho com a variação linguística. Desse modo, as respostas para a referida questão podem ser visualizadas no quadro 8, a seguir.

Quadro 8 - Questão nº 3 do questionário direcionado aos professores com as respostas

Há indicações no livro didático sobre o trabalho com a variação linguística? De que forma?

Professor (a) 1: *“Sim. Nenhum livro didático é completo, desse modo cabe ao professor produzir material conforme seus objetivos para cada aula. No caso da variação linguística, percebo que, em muitos livros didáticos, há uma ênfase ao viés regionalista, quando há muitas outras possibilidades para o trabalho com o conteúdo supracitado.”*

Professor (a) 2: *“Geralmente, o livro didático apenas norteia o professor, muitas vezes ele é superficial, nós precisamos mesmo é perceber o contexto do aluno e ensinar de forma que ele entenda através de sua própria realidade. Mas há livros que são bons, pois trazem gêneros digitais, textos atuais, vocabulário jovem, e por isso tudo colabora para a aprendizagem dos discentes.”*

Professor (a) 3: *“Não. Infelizmente os livros didáticos ainda possuem muitos estereótipos, quando se vem alguma proposta de estudo sobre a variação linguística não traduz a realidade de nosso aluno. São tirinhas preconceituosas, piadas com teor de zombaria.”*

Fonte: a autora (2024)

Em relação a questão apresentada no Quadro 8, concernente ao livro didático, os professores responderam que os livros didáticos não são completos e que apenas norteiam o caminho do professor, limitam-se muito ao regionalismo e isso corresponde às respostas dos alunos delimitando variação apenas por diferenças de regiões. Nesse caso, o professor trabalha “apenas” com o livro didático. Mas, vale ressaltar que os livros estão se modernizando cada vez mais e muito já mudou, assim como enfatiza o (a) professor (a) 2: **“há livros que são bons, pois trazem gêneros digitais, textos atuais, vocabulário jovem, e por isso tudo colabora para a aprendizagem dos discentes”**. Dessa forma, as escolas precisam fazer buscas por livros que tratem desse tema com mais possibilidades para a aprendizagem dos discentes. Com isso, entende-se que apesar de o tema da variação linguística estar presente no livro didático, muitas vezes o conteúdo é trazido de forma limitada, o que reforça ainda mais a questão do preconceito linguístico. É importante salientar que muitas vezes, o livro didático é o que salva o processo de ensino/aprendizagem nas escolas públicas.

A quarta questão questiona os professores sobre o preconceito linguístico em suas aulas. Vejamos, a seguir, o quadro 9.

Quadro 9- Questão nº 4 do questionário direcionado aos professores com as respostas

Há problemas relacionados ao preconceito linguístico em suas aulas? De que forma você lida com isso?

Professor (a) 1: *“Sim. Procuro conscientizar os estudantes acerca do respeito à diversidade linguística de modo que compreendam as possíveis motivações para determinado uso linguístico. Assim, não é coerente “estigmatizar” uma manifestação linguística, mas sim, tentar compreendê-la como um fenômeno linguístico natural.”*

Professor (a) 2: “Sempre há, a sala de aula é um lugar de diversidade, geralmente há alunos que gostam de corrigir o outro, há alunos de tirar “sarro” do outro dependendo do que e como foi falado. Geralmente, se acontece isso em minhas aulas, sempre oriento para a máxima do respeito ao próximo, e explico que não existe isso de falar certo ou errado, se a mensagem for enviada pelo locutor e for entendida pelo interlocutor, então o propósito de comunicação teve êxito. Volto a salientar o que falei na primeira questão: o contexto é o que molda-nos, então sempre irá ocorrer variações, sejam elas situacionais, geográficas, históricas ou sociais. A língua é viva está em constante mudança. Um exemplo claro é a linguagem neutra que está em voga hoje em dia e gera muita polêmica. Finalizo, dizendo o que digo aos meus alunos, com base em José Saramago: “Não há uma língua Portuguesa, há línguas em português.”

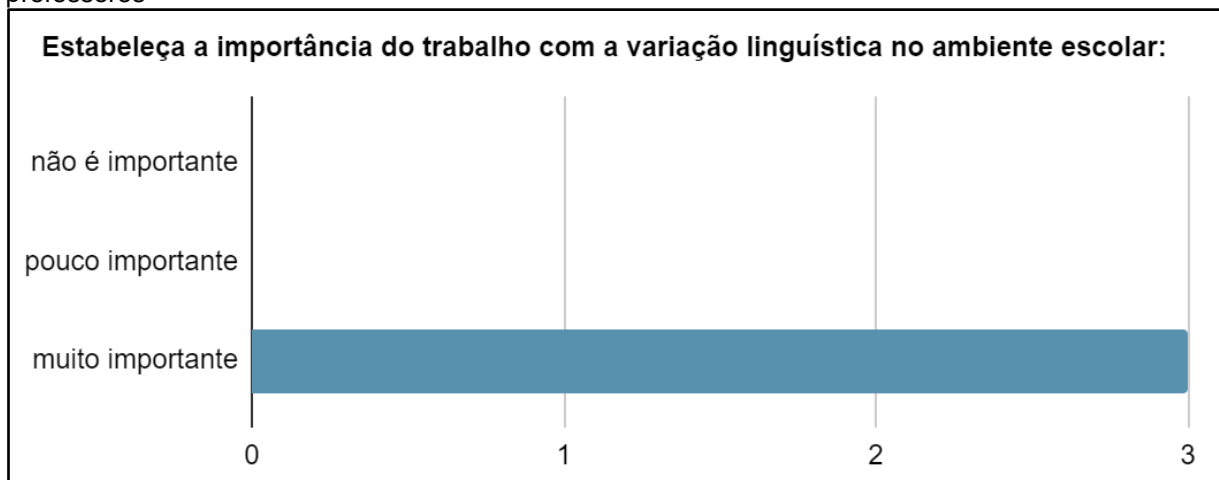
Professor (a) 3: “Sim, sempre há problemas como este nas salas de aula. E para lidar com eles sempre desenvolvo atividades sobre o preconceito linguístico, a exemplo, pesquisas, seminários entre outros.”

Fonte: a autora (2024)

No que tange à questão presente no Quadro 9, os professores responderam que sempre tentam explicar de forma clara para os alunos sobre o respeito à diversidade linguística, de modo a desenvolverem atividades e explicações como forma de conscientização. O preconceito linguístico sempre acontece no ambiente escolar e por esses motivos é importante projetos que desenvolvam meios de amenizar tal ação. Assim, é preciso que o ensino voltado a essa problemática tenha mais espaço na aprendizagem dos educandos.

A seguir, vejamos no gráfico 8, as respostas dos professores para a questão cinco do questionário.

Gráfico 8 - Porcentagem geral sobre a pergunta da questão nº 5 do questionário direcionado aos professores



Fonte: a autora (2024)

Para concluir as questões direcionadas aos professores, foi solicitado que eles estabelecessem a importância do trabalho com a variação linguística no ambiente escolar. Diante disso, todos consideraram tal trabalho como “muito importante”. Sendo assim, ficou esclarecido sobre as concepções que os educandos têm acerca da variação linguística e apesar do ensino linguístico ter avançado

consideravelmente nas escolas, ainda há a necessidade de ampliação de atividades e projetos que busquem formas de esclarecer melhor sobre o tema e amenizar o preconceito linguístico presente nas salas de aula. Sobretudo, vale ressaltar a importância de que os professores tenham suporte e apoio metodológico por parte dos órgãos educacionais para que assim consigam oferecer uma melhor qualidade de reflexões para seus estudantes, colaboração e valorização dos processos linguísticos dos discentes.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscamos analisar as concepções de linguagem dos educandos, de modo a trazer reflexões de como a variação linguística é concebida no âmbito escolar e, então, compreender como é abordada nas aulas de Língua Portuguesa na educação básica.

Nesse contexto, amparamos discussões em nosso referencial teórico que esclarecem sobre os estudos e teorias que enfatizam a importância no que se refere as concepções de linguagem que o professor escolhe para trabalhar em sua sala de aula, o quanto é valioso o ensino da variação linguística e a sua presença no ambiente escolar, o preconceito linguístico, seus mitos e a escola como agenciadora da contribuição para a amenização de tal ação. Assim sendo, apoiamos também nossas reflexões nos documentos oficiais PCN (Brasil, 1998) e BNCC (Brasil, 2018), que é o mais recente.

Durante a pesquisa, observamos como os alunos identificam a variação linguística, conseguimos compreender e mostrar como estudantes e professores lidam com a referida temática.

Nessa direção, constatamos que apesar de os educandos conseguirem identificar a variação linguística, demonstram em suas respostas ao questionário pouco conhecimento sobre a temática supracitada. Posto isso, apesar do avanço desses estudos no ambiente escolar, é preciso suscitar essas discussões de forma mais ampla e mais recorrente na sala de aula e em todo o âmbito escolar, pois o que observamos é que na maioria das respostas, os alunos se limitam às questões de ordem gramatical normativa, contendo ainda indícios de pensamentos preconceituosos.

Dessa maneira, percebemos nas respostas dadas pelos professores que ainda existem algumas escolas com um sistema de ensino, até então, frágil às práticas voltadas para estudos linguísticos. Nessa perspectiva, nota-se que existem limitações nos livros didáticos. Desse modo, os professores entrevistados afirmam que o conteúdo supracitado nos livros didáticos é superficial, incompleto e que não traduz a realidade, então buscam formas de inovar e enriquecer suas aulas em outros suportes.

Conclui-se, portanto, nesta pesquisa a importância de trazer reflexões do ensino da variação linguística e seus aspectos para o ambiente escolar. À vista disso, cabe aos órgãos educacionais, assim como já citado em nossa análise, terem mais cautela na hora da escolha dos livros didáticos e inclusive apoiar os professores em projetos e métodos que insiram os alunos em uma concepção de linguagem como forma ou processo de interação, para que aconteça a valorização e o reconhecimento dos processos linguísticos no avanço dos estudantes, de forma a buscar uma conscientização quanto à riqueza linguística e amenização do preconceito linguístico e, assim, despertar o interesse em compreender as inovações da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Joyce Elaine de; Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Variação Linguística na escola**. São Paulo: Contexto, 2023.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15ª ed. São Paulo: contexto, 2006.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2023.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- SILVA, Leilane Ramos da. **Linguística aplicada ao ensino de língua materna**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser meu ponto seguro nos momentos difíceis e por ter me dado a oportunidade de estar concluindo esta trajetória acadêmica, minha primeira graduação.

Agradeço a mim, pois fui persistente em não desistir dessa caminhada universitária.

À minha orientadora Dra. Anilda Costa Alves, pelas orientações, dedicação e carinho ao longo de toda a realização desta pesquisa, obrigada por acreditar em meu potencial. MUITÍSSIMO obrigada por tudo que fez até a finalização desta pesquisa, a você toda minha gratidão.

A toda a minha família, a minha mãe Roseane, ao meu pai Marinaldo, meus irmãos Joel e Joabe e a minha tia Daniele, pelo apoio, sendo suporte desde o meu ingresso na universidade até este momento de finalização do curso, a vocês toda minha gratidão.

Ao meu esposo Samuel, pela amizade e pelo companheirismo, amor e cuidado me ajudando na realização desse sonho.

Aos meus colegas de turma que estão juntos nessa caminhada, tornando minhas tardes leves, em especial Janekele e Natália, as quais sempre fizeram trabalhos comigo, se tornaram mais que colegas de curso, serei sempre grata por toda amizade durante toda a graduação.

À minha amiga Andréia, que sempre fez dupla comigo para realização dos trabalhos acadêmicos, dividiu comigo momentos felizes e que nunca soltou minha mão nos momentos difíceis, sempre entregando nossos trabalhos com excelência, obrigada por sua amizade, levarei para toda a minha vida.

Agradeço aos docentes do curso de Letras Português, desta instituição.

Aos professores Ma. Danielle e Me. André pelo incentivo e disponibilidade em compor a banca examinadora, gratidão.

Agradeço ao Programa institucional Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES- Brasil, pois foi através dessa oportunidade que tive contato com a turma participante da pesquisa.

E, por fim, aos participantes desta pesquisa, os professores de Língua Portuguesa e os alunos da turma do 9º ano de uma escola pública, da rede estadual de ensino, da cidade de Guarabira-PB. Deixo aqui a todos a minha gratidão.